

o
g
i
a
r
f
a

revista alere

MOVIMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA IMPRENSA OITOCENTISTA

AMAZON LITERARY MOVEMENT IN THE PRESS EIGHTEENTH CENTURY

Sara Vasconcelos Ferreira¹
Germana Maria Araújo Sales (UFPA/CNPq)²

RESUMO: Este artigo apresenta um exame das demandas literárias dos escritores amazônicos divulgadas pelo jornal *A Província do Pará*, nos anos finais do século XIX. As leituras e as análises literárias

1 Doutora em Letras (2021) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém (Pará/Brasil). E-mail: saravasc28@gmail.com.

2 Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003); pesquisadora Produtividade em Pesquisa do CNPq; professora titular da Faculdade de Letras, do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade do Federal do Pará, em Belém (Pará/Brasil). E-mail: gmaa.sales@gmail.com e germanasales@ufpa.br.

produzidas por colaboradores do jornal, residentes na capital paraense, visavam ao debate das produções literárias no intuito de fortalecer as letras amazônicas. É partindo dessas constatações que analisamos os artigos publicados no jornal *A Província do Pará*, cujos escritos objetivavam despertar os críticos locais a notabilizar as produções literárias da Amazônia. Assim, no contexto de inexistência de crítica, resultado da possível ausência de literatura na região, e de falta de interesse dos críticos regionais pela produção paraense, Marques de Carvalho aparece como um grande defensor das letras do Norte e põe-se em favor de reconhecimento dos primeiros movimentos literários da Amazônia, pretendendo notabilizar tal literatura. O engajamento do escritor ao lado de outros literatos resultará na criação da agremiação Mina Literária. O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar as ações a respeito da produção local e a pertinência dos movimentos literários locais nos anos finais do século XIX, tendo como pressupostos teóricos os estudos sobre a circulação e a recepção da literatura em impressos.

Palavras-chave: Crítica literária; imprensa; movimento literário amazônico.

ABSTRACT: This article presents an examination of the literary demands of Amazonian writers published by the newspaper *A Província do Pará*, in the final years of the 19th century. The readings and literary analyzes produced by the newspaper's collaborators, residing in the capital of Pará, had as objective the debate of literary productions in order to strengthen Amazonian literature. It is based on these findings that we analyze the articles published in the newspaper *A Província do Pará*, whose writings aimed to awaken local critics to highlight the literary productions of the Amazon. Thus, between the inexistence of criticism, a result of the possible absence of literature in the region and the lack of interest of regional critics in Pará production, Marques de Carvalho appears as a great defender of the letters of the North and stands in favor of the recognition of the first literary movements in the Amazon, intending to highlight this literature. The writer's engagement alongside other literati will result in the creation of the Mina Literária

association. The objective of this article, therefore, is to present the actions regarding local production and the relevance of local literary movements in the final years of the 19th century, having as theoretical presuppositions studies on the circulation and reception of literature in print.

Keywords: Literary criticism; press; Amazonian literary movement.

Em 1887, a imprensa paraense foi palco de um importante debate sobre as questões literárias no Pará, e os artigos trouxeram à luz algumas demandas que incomodavam os jovens literatos paraenses: a literatura e a crítica literária produzida por essas terras. João Marques de Carvalho assinou o primeiro escrito intitulado “Da crítica literária”, veiculado no jornal literário *A Arena*³. Essas “considerações sobre a crítica no Pará” apreciaram as leituras e as análises feitas pelos literatos locais, acerca da literatura produzida na região. Contudo, o artigo recebeu refutação no jornal *A Província do Pará* (1876)⁴, poucos dias após a publicação do texto, em que um dos colaboradores afirmou: “Sou de opinião que não há crítica literária no Pará. E não há crítica pela simples razão de que não há literatura”.

A resposta do colunista a Marques de Carvalho demonstra, antes, um pensamento que se perpetuou por décadas: de que a produção literária do Norte não existia ou era insignificante, ou ainda se resumiria a Inglês de Souza (1853–1918) e José Veríssimo (1857–1916). No entanto, com base em pesquisas realizadas, especialmente em jornais do século XIX, foi possível recuperar dados e informações

3 Periódico semanal de viés literário e artístico, publicado aos domingos sob direção de Paulino de Brito, Heliodoro de Brito e Marques de Carvalho, em 1887. Disponível no sítio da Biblioteca Pública Arthur Viana, da Fundação Cultural do Pará: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-41-20/a-arena>.

4 Órgão do Partido Liberal, fundado em 1876 por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio José de Lemos. Em 1889, o jornal perdeu o principal sócio-fundador, Dr. Assis, e passou a ser propriedade de Antônio Lemos, momento em que também se desvinculou do Partido Liberal. Ainda que tenha sofrido diversas interrupções e encerrado as atividades em 2001, em 2018 voltou à ativa diariamente no formato digital e, quinzenalmente, impresso.

contrárias às tais assertivas que revelam ter havido um empenho significativo dos jovens paraenses em favor de dar notoriedade às letras da Amazônia, muitas vezes silenciadas ou esquecidas pelas histórias literárias tradicionais. Com apoio na análise desses dados, apresentamos a crítica literária escrita e divulgada tanto pelos mais experientes literatos da região, quanto pelos jovens que cooperavam com a imprensa paraense no último quartel do Oitocentos, especificamente, os jornalistas e literatos colaboradores do jornal *A Província do Pará*. Ao longo das duas décadas finais do século XIX, constatamos a movimentação em favor da literatura do Norte ou da Amazônia, como preferiam chamar, entre os quais se destacam os nomes de Marques de Carvalho (1866–1910), Juvenal Tavares (1850–1907), Álvares da Costa, Guilherme de Miranda (1870–?), Frederico Rhossard (1868–1900), Theodoro Rodrigues (1874–?), Natividade Lima (1871–1897) e Raul de Azevedo (1875–1957).

OS PRIMEIROS PASSOS DA CRÍTICA LITERÁRIA NO PARÁ

No fervor das publicações literárias em jornais, *A Província do Pará* iniciou seus trabalhos em 1876, voltados, especificamente, para a divulgação de boletins políticos e debates liberais progressistas e, assim, tornou-se o maior e mais antigo jornal do Pará. Fundado por Joaquim José de Assis, do Partido Liberal, Antônio Cerqueira e Antonio Lemos, o diário alcançou importância em meio a difusão e circulação da cultura letrada no Extremo Norte. Embora tenha sido um jornal voltado para a propagação de ideias políticas, havia veiculação de romances, anúncios de livros, poesias, notas sobre obras recém-publicadas e ensaios literários.

Ao longo dos anos, *A Província* abriu mais espaço para os escritores locais, especialmente pela influência de Marques de Carvalho, jornalista, crítico e romancista paraense, e passou a publicar essas produções. Esse fato colaborou significativamente para a difusão da literatura na região e o fortalecimento da cultura letrada. Nos anos finais do século XIX, a crítica literária já estava consolidada no Brasil e, no Pará, diversos colaboradores da *Província* começavam a escrever artigos críticos para o jornal com análises

das obras saídas à luz em todo o país. Os literatos paraenses liam e analisavam os trabalhos dos conterrâneos, como também de diversos autores, quer fossem das regiões mais próximas, como de escritores do Nordeste, ou ainda da Capital Federal, regiões do Sul e até mesmo a produção estrangeira. Os principais nomes responsáveis pelo feito, foram: João Marques de Carvalho que, ao lado de Álvares da Costa e Frederico Rhossard, notabilizou as produções literárias da região nesses momentos iniciais; e Raul de Azevedo, Guilherme de Miranda e Theodoro Rodrigues que marcam os anos finais de Oitocentos.

Marques de Carvalho apareceu na *Província* em 1885, e a publicação de seus escritos é um feito, pois antes dele, ou seja, em quase dez anos de circulação, todas as publicações feitas, diariamente, eram expressivamente europeias, entre as quais Portugal e França protagonizam um percentual significativo. Não que seja uma novidade, pois esses dados corroboram os estudos a respeito da circulação do romance e da conexão cultural por meio da ficção já apresentados por Márcia Abreu:

A publicação simultânea dos mesmos textos não atingia apenas a ficção. A recepção crítica francesa e portuguesa também frequentava as páginas dos periódicos brasileiros, criando uma comunidade de opinião internacional. (ABREU, 2016, p. 22).

De igual modo, havia uma divulgação maciça da crítica literária reproduzida de jornais europeus, uma vez que “a crítica literária nasceu nos periódicos brasileiros, primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas, do lançamento de livros, muitas vezes retirada de outros jornais, alguns estrangeiros” (BARBOSA, 2007, p. 71); ações essas muito comuns nos jornais paraenses também. E essa circulação surpreende, pois identificamos publicações saídas na Europa pouco tempo antes da propagação nas folhas locais, quase que simultaneamente.

O enxerto de produtos literários europeus manteve-se intenso na década de 1880; no entanto, no final de 1884, Marques de Carvalho passou a integrar a equipe de redatores da *Província*,

colaboração essa que rendeu frutos muito bons para a literatura no Pará; pois em seu retorno da Europa estava disposto a enaltecer a literatura local, com as ideias renovadas pela modernidade literária que conhecera. Por ser um nome distinto em virtude das diversas contribuições realizadas em jornais da cidade, com o convite feito por Antônio Lemos (1843–1913), começou a escrever poesias, prosa e ensaios para o jornal. O primeiro trabalho foi a respeito do poema “A velhice do Padre Eterno” (1885), do escritor português Guerra Junqueiro. No mesmo ano o escritor paraense iniciou a escrita de um romance, interrompida sem justificativa. Todavia, a publicação dos contos e estudos críticos de obras ou autores franceses e portugueses, era corriqueira. No ano de 1886, Marques de Carvalho divulgou um longo estudo a respeito do poeta paraense Vilhena Alves (1848–1912) e o livro *Monodias* ([1866-1868]), considerando-o um dos três iniciadores do movimento literário na Amazônia, ao lado dos poetas Santa Helena Magno (1848–1882) e Júlio César (1843–1887).

A postura de Marques de Carvalho sempre foi de defesa e enaltecimento da literatura regional, com objetivo de valorizar a literatura produzida por essas terras; todavia, as influências que dominavam sua alma em favor da estética naturalista desde que voltara da Europa fizeram-no envolver-se em inúmeras polêmicas, resultantes da discordância do escritor com a postura dos poetas paraenses, que mantinham a estética romântica tanto para a análise das obras, quanto para a composição dos poemas. Como resultado das querelas, Marques de Carvalho publicou “Da crítica literária”, no qual esboçava sua opinião:

Os poucos trabalhos de crítica literária que não são publicados no Pará de algum tempo a esta data têm-me causado sorrisos de compaixão [...]. Essas críticas possuem o sinete das críticas à antiga, quando os professores maculavam as margens dos volumes com as suas emendas gramaticais — que a tanto resumiam essas inglorias ocupações. Meia dúzia de frases já muito amarrotadas pelo uso constituem-lhes a carcaça, que é enchimentada por algumas pilhérias avinhadas de peralvilhos sem educação. Eis tudo: eis completa a CRÍTICA LITERÁRIA

de qualquer obra, para ser nesciamente espezinhada num instante por uma crítica inconsciente. (CARVALHO, 12 jun. 1887, p. 71).

O escritor considerava ultrapassados os trabalhos de análise literária e, até mesmo, vergonhosos, vinculados ao senso comum, pois não influenciavam nem autores nem leitores. Com o pensamento voltado para a escola moderna, Marques de Carvalho avaliou carência no conhecimento filosófico e científico-literário dos novos escritores e críticos, para cumprir as exigências da nova escola literária. Por essa razão, ele foi por muitas vezes alvo de comentários e desentendimentos, pois, para os jovens da imprensa paraense, o crítico desvalorizava todo e qualquer estudo ou produto literário em desacordo com a estética naturalista. A resposta ao artigo “Da crítica literária”, de Marques de Carvalho, foi exposta no jornal *A Província* alguns dias após a publicação.

O colega queixa-se da ausência de crítica sincera e justa no Pará.

Eu não acho razoável semelhante queixa. Sou de opinião que não há crítica literária no Pará. E não há crítica pela simples razão de que não há literatura.

Não se pode dar o nome de literatura a traduções das poesias de Campoamor, a pequenos contos escritos sobre a perna, a ensaios literários, enfim. Isto não constitui uma literatura, nem mesmo pode ser considerado como a sua alvorada.

Ainda estamos muito longe disto.

Sendo assim, como quer o colega que haja crítica literária?

A crítica nada cria, e pelo contrário, em muitos casos é um elemento dissolvente.

Ela só aparece depois da literatura existir e estar um pouco desenvolvida.

Olhe para a Europa. A crítica na Europa é moderníssima e Zola faz ela remontar a Saint-

Beuve, que é do segundo império.

E há quanto tempo existe literatura europeia?
(PLAN, 17 jun.1887, p. 2)

Ao enfatizar a ausência de literatura como causadora da escassez de crítica literária, Plan ignora os trabalhos dos poetas precursores da literatura na Amazônia, o que faz que Marques de Carvalho volte à *Arena* para confirmar: “Nós temos literatura porque temos bons escritores que produzem bons trabalhos literários”, exemplificando com os livros de Santa Helena Magno (1848–1882), Barão de Guajará (1830–1912), Vilhena Alves (1848–1912), Paulino de Brito (1858–1919), Júlio César (1843–1887) e Bruno Seabra (1837–1876), entre outros citados pelo crítico. De acordo com Marques de Carvalho, esses homens escreveram em seus tempos, dentro da estética literária vigente, mas naquele momento a escola moderna de literatura já era uma realidade, e não havia mais necessidade de produzir e analisar de acordo com os moldes românticos. Por essa razão, o crítico desejava que os jornalistas e articulistas literários se aperfeiçoassem e estudassem antes de escrever.

As reflexões de Marques de Carvalho em prol da literatura do Norte, ou da Amazônia, repetem-se ao analisar o livro *Estudos Brasileiros* (1894), de José Veríssimo. Pois, para ele, Veríssimo deveria ter honrado os nomes dos seus contemporâneos da juventude paraense e incluído as produções de Santa Helena Magno, Júlio Cesar e Vilhena Alves ao “Movimento Intelectual Brasileiro de 1873”. Para o articulista da *Província*, Veríssimo cometera falta de leso-patriotismo, ainda que os poetas esquecidos pudessem ficar felizes pelo sucesso de um conterrâneo.

Apesar de parecerem poucos, os trabalhos literários na Amazônia existiam, e permaneciam, porque havia grupos que se importavam em produzir, inspirados pelas questões da região e não considerando o centro, como era costumeiro. De acordo com Marinilce Coelho, “A ‘fase rútila’ da literatura paraense coincide com os movimentos em todo o país a favor da implantação do sistema republicano, como forma de governo, e da abolição da

escravidão” (COELHO, 2005, p. 32). Os poetas aos quais Marques de Carvalho reivindica reconhecimento são uma parte importante do começo desse movimento literário necessário de dar seguimento. Sua postura impulsionou muitos escritores iniciantes nos jornais paraenses ou jovens que voltavam de seus estudos, como Álvares da Costa (1887), cujos *Ensaio de Crítica* foram publicados em 1887, um ano antes de retornar dos estudos em Recife. O jovem advogado também integrou o grupo de redatores da *Província* e escreveu diversos artigos de crítica literária para a folha paraense, além de ter sido o primeiro presidente de uma das mais importantes agremiações literárias oitocentistas do Pará.

Ao lado desses homens, Paulino de Brito (1858–1919), Teodorico Magno (1866–1885), Frederico Rhossard (1869–1900), Guilherme de Miranda (1870–?) e Antonio de Carvalho (1867–?) fizeram da imprensa diária um espaço de exposição de ideias e de fortalecimento da literatura produzida na região. Entretanto, não se observa uma constante nessas publicações, pois, com a saída de Marques de Carvalho do jornal de Antonio Lemos e, posteriormente, a saída de Frederico Rhossard, o que encontramos entre 1890 e 1894 é um silêncio em relação à literatura regional, embora houvesse publicação de contos e poesias. Guilherme de Miranda, em 1900, considerou esses momentos como períodos literários de curta duração, próprios a uma época de efervescência. E, quase um século depois, Benedito Nunes definiu de forma bastante peculiar e representativo esses períodos:

De vez em quando formam-se colônias intelectuais, que irrompem na tranquilidade estéril da vida que nos circunda. Aguentam-se por algum tempo, graças ao poder de coesão do entusiasmo, mas não resistem ao primeiro contragolpe. E se desaparecem as circunstâncias felizes e ocasionais que as fizeram surgir, desagregam-se rapidamente, voltando tudo ao marasmo, à sesta constante e ao fundo melancólico das redes que é, na Amazônia, o abrigo maternal dos desencantados. As tentativas frustradas, a desesperança, a certeza prévia de que o esforço, as ideias, o talento e a coragem serão sempre sacrificados pela vida

geral vegetativa, adormecem a sensibilidade e retardam a inteligência. (NUNES, 1957, p. 1).

Na literatura produzida na Amazônia, no século XIX, as colônias intelectuais desfaziam-se quando seus líderes necessitavam se ausentar, quer fosse por estudo, funções diplomáticas ou qualquer necessidade de deixar a cidade, como aconteceu com a saída de Marques de Carvalho e Frederico Rhossard, cujos trabalhos literários instigavam os demais literatos da região, ainda que tivéssemos Guilherme de Miranda (1870–?) ou Paulino de Brito (1858–1919) contribuindo com a imprensa local. Assim, com o afastamento de Marques de Carvalho, Juvenal Tavares escreveu um artigo ao jornal ressentindo-se da indiferença dos jornalistas e literatos para as obras locais.

As demandas de Juvenal Tavares foram estimuladas pela publicação do livro de poesias de Maria Simões, cujo prefácio foi escrito pelo poeta paraense. Os questionamentos deram-se em virtude do silenciamento dos jornalistas acerca do que era publicado em Belém, principalmente dos homens dedicados às letras e à literatura, indiferentes com tais produções. “Mas é só indiferente? Totalmente indiferente?”, indagou o poeta e crítico, pois julgava não haver somente indiferença, mas aversão e desprezo contra o esforço dos demais.

Tanto Marques de Carvalho quanto Juvenal Tavares puseram-se em defesa da literatura local e empenharam-se pelo incentivo às contribuições que valorizassem a produção local. O resultado dessa dedicação contabiliza diversas publicações que englobam romances, contos, crônicas e poesias, escritos por homens e mulheres do jornal, até 1890. Esses trabalhos pontuam a necessidade de formar mais literatos e críticos, bem como firmar a literatura paraense na história literária nacional. No entanto, parte desses esforços também serão materializados nos anos finais do Oitocentos. A nova guarda literária constituir-se-á na última década do século, pelo favorecimento da imprensa diária, fortalecimento dos agrupamentos, debates e criação de agremiações literárias.

O MOVIMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NO FINAL DO SÉCULO

A chegada de Raul de Azevedo, escritor maranhense, na *Província do Pará*, em 1894, abriu espaço novamente para as publicações literárias esquecidas pelo jornal por uns dois anos. Embora houvesse uma vasta exposição de literatura estrangeira, especialmente francesa, os escritores regionais não se expunham a escrever ou analisar as produções literárias locais, naquele período. Raul de Azevedo escreveu inúmeros ensaios para o jornal de Antonio Lemos, além de colaborar com outros jornais da região. No entanto, contribuiu, juntamente com outros autores paraenses, com a criação de uma das mais importantes agremiações literárias do Pará — a Mina Literária (1895–1899) —, fundamental para a organização, debate e fortalecimento da literatura regional.

O grupo dos mineiros — como eram chamados os integrantes dessa nova associação — realizava conferências, saraus literários, promovia concursos literários e publicava livros. No que diz respeito à edição de obras literárias de autores locais, essa associação revelou esforço hercúleo para editar livros de autores locais. Dois principais fatores contribuíram para tais dificuldades: primeiro o preço elevado dos serviços editoriais das casas de impressão; segundo, os poucos recursos financeiros dos membros dessa associação literária. (COELHO, 2005, p. 34-35).

No final de 1894, o poeta paraense Natividade Lima reuniu-se com Leopoldo Sousa e Guilherme de Miranda (1870–?) para decidirem o futuro da coletividade literária. De acordo com Eustachio de Azevedo, o encontro almejava juntar aqueles que “se interessam pelo desenvolvimento literário d’Amazônia” (AZEVEDO, 1904, p. 141). Assim, Álvares da Costa, Paulino de Brito (1858–1919), Raul de Azevedo (1875–1957), Natividade Lima (1871–1897), Leopoldo Sousa, Guilherme de Miranda, Acrísio Motta (1866–1907), Manoel Lobato, João de Deus do Rego (1867–1902), Theodoro Rodrigues e Euclides Dias foram os poetas presentes na reunião que decidiram pela fundação da Mina Literária, cujo primeiro mestre foi Álvares da Costa. De acordo com Guilherme de Miranda, foram eles que

fizeram parte da nova guarda literária paraense (MIRANDA, 16 out.1899, p. 1), o que foi ponto de partida para a fundação, em 1900, da Academia Paraense de Letras.

A associação literária movimentou uma vasta divulgação de ensaios críticos. Alguns *mineiros* dedicavam-se às apreciações sobre obras nacionais, em mais de um jornal, publicações diárias à imprensa e correspondência de artigos entre os jornalistas da Amazônia, do Nordeste e da Capital Federal. A *Província do Pará* divulgou, de 1894 a 1900, mais de 70 textos de crítica literária escrita por jornalistas e literatos locais, e essa mesma imprensa paraense atraiu diversos jornalistas de outras regiões, mas que passaram a residir no Pará, como o rio-grandense Luís Lobo, o fluminense Carlos Dias Fernandes (1874–1942) e o português Fran Paxeco (1874–1952), mas a maior parte do que foi divulgado pela imprensa era de punho genuinamente paraense.

A produção de Raul de Azevedo soma mais de duas dezenas de textos de crítica literária, além de sua produção ficcional e jornalística. Suas leituras não abordavam apenas a literatura brasileira, mas versavam sobre a literatura estrangeira. Além disso, vale ressaltar que havia certa predileção por livros de poesias, em que as avaliações se limitavam a fazer juízos impressionistas e não se preocupavam no aprofundamento das análises. Dessa forma, as críticas feitas por Raul de Azevedo focavam nas incorreções da língua e da forma. Assim, com quase meia centena de artigos e textos em prosa de ficção, o escritor destaca-se como um dos mais profícuos colaboradores da imprensa e do movimento literário oitocentista na Amazônia, ao lado de Marques de Carvalho.

Entre os escritores paraenses dessa nova guarda, Theodoro Rodrigues cooperou para o fortalecimento da literatura local pois, como sócio da Mina Literária e sócio-fundador da Academia Paraense de Letras, o professor e crítico literário paraense teve seus trabalhos reconhecidos pela imprensa. Assim, além de publicar o livro de versos, intitulado *Pallidos* (1894), analisou as produções poéticas de diversos escritores brasileiros e expôs tais análises nos jornais com os quais colaborava. As leituras feitas pelos críticos revelam alguns pontos em comum entre as diversas análises, como

a predileção por poesia e análise poética pelo viés do Parnasianismo. No romance, a questão naturalista permanecia em debate, embora a maior parte dos críticos a considerasse ultrapassada. Guilherme de Miranda (*apud* AZEVEDO, 1970, p. 32), por exemplo, ao analisar o romance naturalista *Maria Luiza* (1900⁵), de Ovídio Filho, escreveu que a tese proposta era velha, e que já havia sido explorada com brilhantismo por Júlio Ribeiro e Aluísio de Azevedo.

Aliás, Guilherme de Miranda foi outro nome insigne às letras do Norte. De acordo com Eustachio de Azevedo, o escritor era conhecido dentro e fora do país e teve o privilégio, como poucos, de fazer parte da antiga e da nova guarda literária paraense, visto que começou a colaborar com a imprensa aos 17 anos, em 1887. No jornal de Antonio Lemos, o *mineiro* assinou duas seções — “Sem dia” e “De semana a semana” — nas quais apresentava assuntos do cotidiano belenense, estudos históricos e crítica literária. Seus escritos versavam sobre poesia de escritores locais ou nacionais, de romances e sobre os escritores em voga.

Em 1900, Guilherme de Miranda voltou a questionar o silêncio dos críticos sobre a literatura regional, pois a Mina Literária havia encerrado suas atividades no ano anterior e mais uma vez via adormecer as colônias intelectuais — como se referiu Benedito Nunes — que haviam se formado naquelas décadas finais do século. Pois, “De uns tempos a esta parte um pesado silêncio paira sobre as coisas literárias nesta terra. Raro é o escritor que se apresente em público, ora vibrando a guzia do ouro da poesia, ora manejando a prosa”. Para Guilherme de Miranda, o falecimento de Natividade Lima, em 1897, e a partida de alguns *mineiros* contribuíram para a falta de entusiasmo dos literatos paraenses. Além disso, “Belém mercantiliza-se. Belém abandona a vida do espírito pela materialização de tudo. Presentemente, não se lê uma produção literária”, fatos imperiosos sobre a literatura. Por fim, ironiza: “A minha própria leitura prefere sempre as futilidades de um baile a uma reunião literária” (MIRANDA, 16 out.1899, p. 1).

No entanto, embora houvesse um sentimento de apatia e desalento nos anos finais de Oitocentos, o legado deixado pela Mina Literária e seus *mineiros* já não podia mais ser ignorado. Entre os livros publicados com o apoio financeiro da Mina Literária, constam

5 OVÍDIO FILHO, Maria Luiza. Belém: [s.n.], 1990. Cf. <http://cpbn.bn.gov.br/planor/handle/20.500.12156.6/34971?show=full>. Acesso em: 10 mar. 2022.

os títulos: *Brando d'Armas*, de Natividade Lima; *Nevoeiros e A viúva* (1896), de Eustachio de Azevedo; *Alma nova*, de Euclides Dias; *Maria Luiza* (1900), de Ovídio Filho; *Coisas profanas* ([1894 ou 1895]), de Acrísio Mota; e *Coelho Netto e a Mina Literária* (1899), de vários autores, como relata Eustachio de Azevedo (1970) acerca das obras citadas anteriormente neste parágrafo. Inclusive, algumas dessas obras eram discutidas nas reuniões da agremiação, e os mineiros publicaram outros livros, como as *Brisas da Amazônia* (1897), de Euclides Faria; *Sombras*, livro de versos de Leopoldo Sousa (1926); *Larvas* (1897), de Olavo Nunes, prefaciado por Paulino de Brito; além de *Musa Boemia* (1898), publicada após a morte de seu autor, Natividade Lima (AZEVEDO, 1970). Ainda em 1900, foi criada a Academia Paraense de Letras, no afã de, mais uma vez, notabilizar a produção literária dos escritores da Amazônia. O livro de estreia a sair com a marca da Academia foi *Cantos Amazônicos*, de Paulino de Brito (1900), a fim de celebrar o enriquecimento da literatura nacional com a publicação de um poeta reconhecido e respeitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os anos de 1880 e 1900, verificamos que houve certa inconstância nos círculos intelectuais que se formaram no Pará naquele fim de século. Os iniciadores do movimento literário na Amazônia, sempre lembrados por Marques de Carvalho, foram por muitas vezes esquecidos pelos críticos e jornalistas que faziam o cotidiano da imprensa diária. Entretanto, o engajamento em prol da literatura amazônica favoreceu o surgimento das colônias intelectuais, de curtos períodos, mas que foram importantes para as letras regionais.

O primeiro movimento iniciado pelos românticos, como Santa Helena Magno, Júlio Cesar e Vilhena Alves, havia passado e estava sob o silêncio da imprensa local; no entanto, com as investidas dos novos literatos, vê-se mais uma vez o despertar dos homens da imprensa regional em favor da produção literária na imprensa em Belém. Com Marques de Carvalho, Guilherme de Miranda, Álvares da Costa e Juvenal Tavares, forma-se um novo movimento literário

que deixou um legado precioso de incentivo aos homens e mulheres do Pará, em reconhecimento à literatura regional. E, por fim, o último período em que a nova guarda literária se agrupa em prol das letras amazônicas e trabalha para a criação das agremiações, imprescindíveis para a publicação, debate e aperfeiçoamento das obras literárias.

Os trabalhos poéticos e ficcionais recuperados nas pesquisas em impressos revelam ter havido não apenas um, mas vários movimentos literários em favor da literatura regional. Esses movimentos por vezes adormeciam, por outras vezes irrompiam na tranquilidade da vida intelectual e retornavam, e a cada retorno fortaleciam-se ainda mais, cujos resultados podem ser observados nas publicações de livros, criação da Mina Literária e Academia Paraense de Letras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Apresentação: A ficção como elemento de conexão cultural. ABREU, Márcia. (org.). *In: Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 15-34.

AZEVEDO, José Eustachio de. *Antologia Amazônica (poetas paraenses)*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

AZEVEDO, José Eustachio de. *Antologia Amazônica (poetas paraenses)*. Belém: Tipografia da Casa Editora Pinto Barbosa, 1904. Ficha catalográfica disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/antologia-amazonica/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornale Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. Disponível em: <https://br1lib.org/book/5439197/2f7502?dsource=recommend>. Acesso em: 4 jan. 2022.

BRITO, Paulino de. *Cantos Amazônicos: poesia*. Belém: Alfredo Silva & Comp. Editores, 1900.

CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 12 e 19 jun.1887, p. 71.

CARVALHO, Marques de. Boletim Bibliográfico: Estudos Brasileiros de José Veríssimo. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 26, 27 e 28 jun., 17 e 18 jul.1889.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA / UNAMAZ, 2005.

COELHO NETTO e a Mina Literária. Pará: Imprensa de Alfredo Silva & Cia, 1899. Ficha catalográfica disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/publicacao/coelho-netto-e-a-mina-literaria/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

COSTA, Raimundo Melquíades Álvares da Costa. *Ensaio de Crítica: páginas de literatura*. Recife: Typographia Industrial, 1887. Ficha catalográfica disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaLivro.asp?Documento_Codigo=213439. Acesso em: 12 fev. 2022.

FARIA, Euclides. *Brizas da Amazonia: versos e prosas*. Pará: Typographia de A. Silva, 1897.

MIRANDA, Guilherme de. De semana a semana. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 16 out. 1899, p. 1.
MOTA, Acrísio Dias. Coisas profanas. Belém: H. Nina, [1894 ou 1895].

NUNES, Benedito. Inventário e Planejamento. *A Província do Pará*. Belém, 10 de março de 1957, p. 1-2.

PLAN. Homens e Coisas. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, 17 jun.1887, p. 1.

RODRIGUES, Theodoro. *Pallidos*. Poesias. Belém: Tavares Cardoso & Comp., 1894.

SOUSA, Leopoldo. *Sombras*. 2. ed. melhor. Pará: Guajarina, 1926.

TAVARES, Luiz Demétrio Juvenal. Uma poetisa. *A Província do Pará*. Belém: Tipografia da Província do Pará, n. 4768, 24 maio, 1892, p. 2.

VERÍSSIMO, José. *Estudos Brasileiros*. Segunda série (1889-1893). 1. ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1894.

VILHENA ALVES, Francisco de. *Monodias*. Coleção de poesias. Maranhão: Typographia de B. Mattos, [1866-1868].